

MEDEIROS, José. *Candomblé*. São Paulo, Instituto Moreira Salles, 2009, 110 pp.

MILTON JOSÉ BORTOLETO

O contexto do livro de fotografias, *Candomblé*, de José Medeiros começa seis anos antes de sua primeira edição no distante ano de 1951, momento em que a revista francesa *Paris Match* levou às suas páginas certa matéria jornalística com farto material fotográfico realizado por Henri-George Clouzot, intitulada “Les Possédées de Bahia” (As Possuídas da Bahia) apresentando em suas linhas claro caráter preconceituoso contra o candomblé¹, polêmica que não tardou para que intelectuais como Roger Bastide realizassem severas críticas².

Face ao polêmico sucesso levantado pela revista francesa, os editores da revista *O Cruzeiro*, sucesso editorial brasileiro no período, lançaram a José Medeiros e Arlindo Silva o desafio de realizar uma nova e melhor matéria sobre o tema, a qual deveria demonstrar a supremacia jornalística brasileira, inclusive contendo traços menos depreciativos quanto ao candomblé.

Aceitando o desafio, José Medeiros e seu parceiro de redação, ao chegarem à Bahia, se dirigiram às mais tradicionais casas de candomblé de Salvador, recebendo diversas negativas quanto ao direito de fotografar os seus rituais secretos, principalmente os rituais de iniciação como a revista francesa havia feito. Só conseguiram tal permissão em um longínquo terreiro no subúrbio da cidade que necessitava de auxílios financeiros para o cumprimento dos rituais de iniciação de três futuras yawôs³: uma de Omulú, outra de Oxóssi e uma terceira de Iemanjá.

Contribuindo com a compra dos animais e demais necessidades que a iniciação necessita⁴ e tendo a aprovação, via o jogo de búzios, por parte de Oxóssi - orixá da casa e da mãe-de-santo responsável pela iniciação - José Medeiros conseguiu o direito de acompanhar seus ritos secretos, podendo captar os pormenores da iniciação através de sua Rolleiflex, em especial seus aspectos mais polêmicos: o sacrifício votivo de animais e o manejo de seus elementos sobre os corpos das iniciandas.

Fato importante de salientar é o rompimento do flash da câmera fotográfica de José Medeiros no momento dos ritos que ele tanto buscou captar, obrigando-o a redobrar a atenção no momento da fotografia que poderia sair muito escura ou muito clara pela falta deste recurso, fotos que perdidas não poderiam ser repetidas numa ocasião tão próxima, pois a dificuldade para conseguir presenciar novamente aquele tipo de rito era grande.

Fotografias realizadas e surpreendentemente demonstrando maior apuro artístico pela supressão do flash, a edição da revista *O Cruzeiro* chegou às bancas com farto material fotográfico no mês de setembro de 1951 com o título “As Noivas dos Deuses Sanguinários”, causando grande repercussão entre os leitores da revista na Bahia e em todo o Brasil. Diversos líderes religiosos candomblecistas baianos acusaram a sacerdotisa que permitiu tais fotos à polícia negando a veracidade de tais ritos e rogando-lhe

desgraças, porém sem grandes consequências aparentes – história distinta da que foi veiculada no período⁵.

Novamente pesquisadores das religiões afro-brasileiras entrevistaram criticando a matéria de *O Cruzeiro*; Roger Bastide em debate com a *Paris Match* julgou igualmente preconceituoso o conteúdo exposto na revista brasileira, porém não criticou José Medeiros, mas sim Arlindo Silva, seu redator. Medeiros parecia ter feito um trabalho a altura dos grandes fotógrafos do candomblé, como Pierre Verger, fato não admitido publicamente em 1951.

Seis anos depois da polêmica oriunda das páginas da revista *O Cruzeiro*, José Medeiros publica a primeira edição de seu livro *Candomblé*, cuja segunda edição o Instituto Moreira Salles lançou recentemente e que, por seu belo conteúdo artístico, vale a pena (re)conferir. Da primeira edição de 1957, sem grande notoriedade pública e antropológica, para esta de 2009 há algumas gratas novidades: a primeira é a inclusão de fotografias inéditas que estão disponíveis no acervo do autor e que ele optou por não incluir na primeira edição; a segunda está ancorada nas descrições que Medeiros confeccionou para a primeira edição e que nesta estão associadas a notas com novos pormenores sobre os símbolos do candomblé presentes nas fotografias, conteúdo elaborado pelo antropólogo Wagner Gonçalves da Silva. Por fim, para quem perdeu a edição de 1957, os editores colocaram todas as páginas da primeira edição em miniaturas fotográficas para o leitor sentir as mudanças entre as edições, podendo entender a concepção de uma e outra.

Neste meio período, entre a primeira e a segunda edição de *Candomblé*, instigantes pesquisas se debruçaram sobre esta polêmica gerada no início da década de 1950, a principal delas é digna de nota e indicação, tendo sido lançada recentemente com o título *Imagens do Sagrado: Entre Paris Match e O Cruzeiro*

(2009), trabalho produzido após intensa pesquisa de campo sob o atento olhar do antropólogo Fernando de Tacca, proporcionando a esta polêmica novos contornos, agora mais lúcidos, permitindo que encaremos a obra fotográfica de José Medeiros, exposta em *Candomblé*, a partir de uma perspectiva antropológica.

Também neste meio tempo entre as duas edições do livro de fotografias de Medeiros, diversos estudos sobre as religiões afro-brasileiras na antropologia foram empreendidos, certos segredos tornaram-se informação corriqueira, enquanto outros continuam exclusivos, sendo o rito de iniciação um deles. Outro fato tornado corriqueiro em antropologia são as discussões em torno dos limites das relações entre Antropologia x Etnografia x Sacerdócio x Segredos Religiosos⁶. Comentando tal relação “perigosa” Roger Bastide relembra:

A viagem que fiz ao Daomé e à Nigéria com o objetivo de pesquisar as fontes dos candomblés [me colocou] certamente, submetido à lei das transmissões esotéricas: não se conta um segredo brutalmente, pois ele traz consigo perigosas forças que precisam ser neutralizadas por contradons⁷ (Bastide, 1972, p. XIII).

O autor nos proporciona observar novos enfoques antropológicos de *Candomblé* e possíveis sutilezas vivenciadas por Medeiros na confecção das fotografias que originaram este trabalho.

Assim como, em outro momento, no ano de 2008, em campo com um conjunto de pesquisadores numa casa de candomblé, observei o preparo de um dos pratos servidos a Ogum, o inhame assado acompanhado de feijão e azeite de dendê, que iria ser utilizado no Dêkã⁸ de um sacerdote deste orixá. Enquanto a comida era preparada por outros três sacerdotes, incluso o Pai-de-santo da casa, tirávamos diversas fotos com nossas câmeras digitais; estávamos entreti-

dos e só observei depois de algum tempo que o líder religioso repetia com certa frequência para os demais sacerdotes envolvidos no trabalho, parecendo acalmá-los frente à tamanha exposição aos flashes, a seguinte frase: “Fotografia é coisa de Ogum, fotografar o Inhamé de Ogum aumenta o axé da comida!”. De fato, Ogum, orixá da tecnologia, rege as câmeras fotográficas, seus flashes e fotos, e, sendo assim, ao ter sua comida alvo de um flash ou captada numa foto, recebe axé. Éramos os curiosos querendo captar algo em nossas máquinas não suspeitando que contribuíamos com a eficácia do rito, complementando-o, aumentando seu poder sagrado.

Desta passagem da fotografia às perspectivas antropológicas, podemos suspeitar de dois sutis fenômenos pelos quais José Medeiros pode ter passado e que estão em discussão permanente na atual antropologia: de um lado a relação travada no auxílio monetário à casa de culto a qual foi antecedida por um oráculo e ocorreu dentro de um contexto permeado por estranhas ocorrências; por que o flash se rompeu justo no momento a ser fotografado, exigindo de Medeiros o uso máximo de suas habilidades, permitindo a melhora final das fotos? Do outro lado, podemos salientar a relação “brutal” que pode ter obrigado a necessidade de uma retribuição à altura do segredo revelado; seria o livro *Candomblé* um *contradom*, o último elo do dar-receber-retribuir, agora em sua segunda edição?

Notas

1. “Candomblé” é um termo genérico que designa: 1) uma modalidade de religião que cultua deuses de origem africana; 2) o templo ou terreiro onde ela é praticada; 3) a cerimônia pública, também chamada de festa ou toque, em louvor aos deuses. Esta é uma das notas confeccionadas pelo antropólogo Wagner Gonçalves Silva para esta segunda edição de *Candomblé* (Medeiros, 2009: 109).
2. As críticas de Bastide à Clouzot começaram bastante duras e depois foram sendo amenizadas conforme podemos notar em seus escritos na Revista Anhembi de números 9, 10 e 12 todas do ano de 1951 (Cf. Tacca, 2009).
3. “Yawô: Termo nagô, que significa noiva e esposa mais jovem, simplificado para *iaô* na Bahia, com o sentido de noiva, inicianda” (Carneiro, 1937: 142).
4. Sobre a extensa lista de itens e seus altos preços para realizar uma iniciação no candomblé ver o trabalho de Rita de Cássia do Amaral *Xirê! O modo de crer e viver no candomblé* (2002).
5. Segundo alguns boatos públicos a mãe-de-santo que permitiu tal cobertura fotográfica teria morrido violentamente após as fotografias de José Medeiros e sua casa de culto havia sido depredada chegando a encerrar suas atividades. Conforme pesquisado por Fernando Tacca esta história não se confirma, pois a sacerdotisa se deslocou para o Rio de Janeiro por motivos financeiros e neste novo local reabriu seu candomblé dando prosseguimento aos seus ritos, sua morte se deu anos depois por causas naturais (Cf. Tacca, 2009).
6. Exemplar trabalho que aborda a questão entre a Antropologia, a Etnografia (Pesquisa de Campo), o Sacerdócio e os Segredos nas religiões afro-brasileiras é o livro de Wagner Gonçalves da Silva *O Antropólogo e sua magia* (2000).
7. A noção de *Dom* e *Contradom* foi consagrada na antropologia através do trabalho de Marcel Mauss em seu “Ensaio sobre a Dádiva” (1923) e a leitura do mesmo por Lévi-Strauss (1950). Comentando a referida obra de Mauss, Lévi-Strauss ressalta o caráter que a troca assume nas sociedades humanas, extrapolando sua simples função econômica, como o pensamento liberal e/ou funcionalista acostumou observar, permitindo que observemos na troca de mercadorias, favores ou gentilezas um caráter universal possuidor de três elos: Dar-Receber-Retribuir. Onde quem “dá algo” a alguém espera o recebimento por parte deste indivíduo, enquanto o ganhador adquire a obrigação da *reciprocidade*, ou seja, da obrigação em retribuir a dádiva recebida. Assim, quem “dá algo” espera que aceitem, enquanto quem recebe tem a obrigação de retribuir, mesmo que não exista um contrato para tal, prendendo o indivíduo neste sistema de *dons* e *contradons*. Os indivíduos, desta forma, se engajam, mesmo que de forma involuntária, num sistema permeado pela reciprocidade, englobando todo o sistema social, permitindo a Mauss chamá-lo de fato social total.

8. “Dèkà: Transmissão de obrigações entre chefes de candomblé” (Carneiro, 1937, p. 135).

Referências bibliográficas

AMARAL, Rita. *Xirê! O modo de crer e de viver do candomblé*. Rio de Janeiro/São Paulo: Ed. Pallas, 2005.
BASTIDE, Roger. *Estudos afro-brasileiros*. São Paulo, Perspectiva, 1973.
CARNEIRO, Edison. *Candomblés da Bahia*. São Paulo: Ediouro, 1978.

LÉVI-STRAUSS, Claude. “Introdução: A obra de Marcel Mauss”. In: MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Edusp, 1974.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: _____. *Sociologia e Antropologia*.v. II. São Paulo: EDUSP,1974.

SILVA, Vagner Gonçalves da. *O antropólogo e sua magia*. São Paulo: EDUSP, 2000.

TACCA, Fernando Cury. *Imagens do Sagrado: Entre Paris Match e O Cruzeiro*. Campinas: Ed. da Unicamp/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009.

autor **Milton Bortoleto**
Graduando em Ciências Sociais / USP

Recebida em 19/07/2010

Aceita para publicação em 20/09/2010